

PEQUENO FRAGMENTO SOBRE A DEVASTAÇÃO  
CETICISMO E PENSAMENTO CONSERVADOR

A SHORT FRAGMENT ON DEVASTATION  
SKEPTICISM AND CONSERVATIVE THOUGHT

**Prof. Luiz Felipe Pondé, Postdoc**  
Filósofo  
Professor do Programa de Pós-graduação  
em Ciências da Religião – PUC-SP  
lfponde@pucsp.br

**Resumo:** Neste ensaio, apresento alguns aspectos do pensamento conservador como subsídios para a experiência de formação, a qual, a meu ver, está diretamente relacionada com o preparo para o enfrentamento da condição humana.

**Palavras-chave:** Pensamento conservador, Formação, Condição humana.

**Abstract:** In this essay, I introduce some of the aspects pertaining to the conservative thought, regarded as a subsidy to the educational experience, which, the way i see it, is directly tied to the preparation for enduring the human condition.

**Keywords:** Conservative thought, Educational experience, Human condition.

Afinal, o que é formação? Neste pequeno fragmento pretendo dar uma versão, muito pessoal, do meu encontro com o pensamento conservador na minha experiência de formação. A formação não é o foco principal da educação no mundo contemporâneo, o que é uma pena. Entendo formação, antes de tudo, como a preparação para o enfrentamento da condição humana em si mesma. Portanto, o próprio conceito de condição humana é princípio organizador da ideia de formação. Formar-se é encontrar a humanidade em nossa alma: coração e intelecto em agonia reparadora, como diriam muitos pensadores cristãos ortodoxos antigos.

Certa feita, na faculdade de medicina, perguntei ao professor como um paciente portador de câncer terminal se via diante da possibilidade de estar indo em direção ao Nada. O professor foi taxativo: “o senhor está na aula errada, devia fazer filosofia”. Boa aquela época, quando professores não tinham medo dos alunos nem se preocupavam com teorias pedagógicas.

Hoje, a educação é um misto de preguiça, oportunismo e medo. Na realidade, uma das ideias que tem dominado meu pensamento é que o medo é parte essencial da vida de quem se dedica à atividade de formação. Infelizmente, grande parte da vida acadêmica contemporânea sucumbiu ao medo e a preguiça. Hoje não acho que meu professor estivesse tão certo.

A formação em medicina é uma boa chance de você se medir com essa emoção essencial da vida – o medo –, enquanto as ciências humanas podem facilmente cultivar a covardia travestida de grandes e vazias aventuras teóricas sem carne ou sangue, por isso mesmo sem riscos de se sujar com a vida que é sempre imersa em carne e sangue.

Tenho certeza de que grande parte do que penso hoje como filósofo é devido aos cadáveres que abri durante a noite, os cérebros que espalhei sobre a mesa de metal, as pessoas que morreram pelas mãos de minha ignorância e a estranha sensação de que algo de misterioso faz a ponte entre a matéria, sempre fracassada, espalhada sobre o metal, e a alma, sempre em espanto.

Afinal, o que ficou do médico em mim? A consciência de um fracasso fisiológico essencial como condição humana. A experiência de fracasso é minha ontologia do humano. E por que o medo? Porque conhecer é correr o risco de visitar mundos devastados. Visitar mundos devastados é contemplar a fronteira do sentido das coisas.

O ceticismo (a dura suspeita da existência desse fracasso no plano do conhecimento) tem sido evidentemente uma ferramenta essencial. Ceticismo para mim é a vigília contínua sobre este mundo em pedaços. Contra o domínio das teorias abstratas, escolho o risco da vida autoral. A coragem é virtude essencial quando se contempla a devastação.

Qual a relação entre este sentimento de devastação e o encontro com a tradição conservadora? A experiência humana fala de uma ontologia frágil, por isso, antes de tudo, devemos ter cuidado ao lidar com esta fragilidade.

Segundo a fortuna crítica (Cf. MULLER, 1997; KIRK, 1982 e 2001), o pensamento conservador tem três grandes raízes, o ceticismo, de David Hume (seu “iluminismo às avessas”), em meados do século XIII; a crítica de Edmund Burke à revolução francesa, no final do mesmo século, e a viagem de Alexis de Tocqueville aos Estados Unidos (laboratório da democracia moderna nascente), na primeira metade do século XIX – mesmo que nenhum dos três autores usasse especificamente o termo “conservador” em suas obras.

Há controvérsias quanto ao estabelecimento dessas origens, mas não vou me ater a elas, porque não ferem o conteúdo deste pequeno ensaio. Segundo Russel Kirk, os termos *conservatif* ou *conservateur* (Cf. KIRK, 1997) surgem na França nos primeiros anos do século XIX para se referir àqueles que se opunham à “era napoleônica” e à sua herança revolucionária. Grosso modo, o *ethos* da atitude conservadora era preservar as instituições políticas, sociais e morais que estavam no alvo dos desdobramentos de 1789.

No limite, tratava-se de combater a dissolução das instituições e dos comportamentos ancestralmente cultivados. Vemos, portanto, que o foco era uma defesa da sociedade em face da devastação em processo. Reencontramos, assim, a oposição entre devastação e conservação a qual fiz referência anteriormente. Este *ethos* me pareceu significativo.<sup>1</sup>

---

1 A dúvida sistemática com relação ao alcance da Razão (marca do ceticismo filosófico) lega um sentimento de grande risco com relação aos malabarismos racionais diante da realidade. A dúvida conservadora em Burke com relação às engenharias sociais herdadas do jacobinismo se aproxima muito desta intuição cética. Ambos tendem a ser econômicos no que se refere à confiança nos produtos concretos destas engenharias (produtos da Razão querendo moldar o mundo).

A relação histórico-filosófica entre ceticismo e importância da ancestralidade data da Grécia (Cf. HANKINSON, 1995): diante da dúvida acerca da operabilidade da Razão,<sup>2</sup> hábitos e costumes se revelam como opção contra o erro. Hábitos e costumes são comportamentos e instituições de razoável sucesso diante das pressões sofridas pela humanidade em sua agonia ancestral.

No restante deste pequeno ensaio, discutirei introdutoriamente alguns traços do que seria um “espírito conservador” ou mesmo uma atitude, ou sensibilidade, ou caráter conservador. Para tal, dialogaremos com Russel Kirk em seu *The Conservative Mind*. Pessoalmente, cada vez mais, gosto da ideia de temperamento conservador.<sup>3</sup>

Ao contrário de grande parte das pessoas que se aproximam da tradição conservadora, parece-me, o que me levou a leitura e confronto com essa tradição (ou pelo menos parte significativa dela) não foi qualquer sentimento religioso (apesar de tê-lo), mas sim minha experiência cética. Se não conseguimos justificar racionalmente o mundo (nem moralmente, nem epistemologicamente) e incorremos facilmente em abstrações, como não nos destruímos ainda?

## O temperamento conservador

1. Os problemas humanos são essencialmente morais e religiosos e não políticos, como pensa a tradição moderna de raiz iluminista francesa. Quando tentamos “resolver” a vida politicamente, facilmente incorremos em simplificações da realidade. A política é bem-vinda quando se apoia nos hábitos e não quando inventa soluções para a vida

---

2 É importante lembrar, contra o senso comum corrente, que o ceticismo filosófico desde a Grécia, passando por autores como Montaigne (séc. XVI), Pascal (séc. XVII), naquilo em que ele “usa” o ceticismo, Hume (séc. XVIII) e Oakeshott (já no século XX), ataca a validade da Razão, e não a validade de crenças ditas “religiosas”. Não porque essas devam ser preservadas, mas porque simplesmente são “fáceis” de ser atacadas (objeto de fé apenas), enquanto a Razão sim demonstra sua arrogância dogmática travestida de evidência universal. Por isso é tão comum, como, por exemplo, em Montaigne e Pascal o convívio, até certo ponto, entre fé e ceticismo. Em Hume ou Oakeshott (para referência, ver nota 1 acima), a fé está contida no hábito que conduz a vida fora dos dogmas da Razão frágil. Em Burke, a fé se inscreve na validade da aceitação de uma dimensão de mistério na condução da história (providencia divina opaca a Razão de *ethos* jacobino).

3 Não vou aqui citar o texto de Russel Kirk por motivo de espaço, mas remeto o leitor para sua obra *The Conservative Mind* (2001), pp. 8-10.

humana. No fundo, somos seres atormentados pela falta essencial de sentido das coisas. Essa marca é moral e religiosa e não política. Suspeito que forças maiores do que nosso entendimento seja capaz de compreender marcam nosso destino. Todavia, essa suspeita se materializa muito mais, para mim, na adesão a hábitos que as supõem e as respeitam, do que a rituais que imaginam acessá-las ou abstrações racionais que visam dissolvê-las.

2. Acredito profundamente na máxima “radicais amam a humanidade e detestam seus semelhantes”. Isso porque se relacionam com a ideia do humano que responde à homogeneidade de uma abstração lógica (suas abstrações de gabinete). Na realidade, tenho uma atração natural (sem sustentá-la em nada que postule uma “dignidade intrínseca do ser humano”) pelos seres humanos reais e sua rica e intratável heterogeneidade. A própria possibilidade de podermos estabelecer uma “lógica definitiva” do ser humano me tornaria profundamente desinteressado pelos meus semelhantes. Relaciono essa variedade, como diz Kirk, a certo mistério que perpassa a multiplicidade.
3. Os seres humanos não são iguais, uns poucos são melhores do que os outros. Essas diferenças demandam tempo para se revelarem, mas são essenciais. A insistência em negar esse fato (igualitarismo) fere a relação entre as pessoas e a organização da vida.
4. Não existe “a liberdade” como ideia, mas apenas formas materiais que evitam a violência de uns sobre os outros. Homens não são ovelhas. No seu limite mínimo, a propriedade privada marca a materialidade da liberdade possível, por isso, a tentativa de igualdade abstrata fere a defesa concreta contra a violência que visa destruir a propriedade privada.
5. A famosa frase de Burke sobre a desconfiança para com “sofistas, calculadores e economistas” resume a dúvida conservadora contra *designs* abstratos da sociedade. Aqui a relação entre dúvida e hábito se revela na sua face mais evidente: engenharias (sofistas, calculadas ou econômicas) sempre põem em risco o equilíbrio frágil da vida no tempo e no espaço duramente compartilhado. Se duvido dessas engenharias, por consequência, duvido das mudanças calculadas por elas.

**Por consequência:**

1. Duvido da possibilidade de fabricarmos novos homens pela educação, legislação ou engenharias culturais de qualquer tipo. O homem não é passível de perfectibilidade projetada e acumulativa, daí a recusa dos conservadores da noção de “meliorismo”.
2. Prefiro o conhecimento ancestral às “novidades da RAZÃO”. Radicais desprezam a tradição e optam pelo império do racionalismo. O racionalismo desvaloriza a hábito ancestral em nome de sua força de cálculo. Nesse sentido, a religião é preservada contra sua crítica rápida.
3. A democracia direta é um risco e leva a fúria da irrazão travestida de “*political levelling*” para a interioridade do tecido cotidiano.
4. A ideia de justiça social, atacada também por David Hume, é um risco na medida em que dissolve a fronteira entre a violência da liberdade abstrata e o cuidado com a violência presente na defesa irrestrita da propriedade privada.
5. Por último, resumo da posição burkeana e central para a definição de Kirk, a sociedade é uma comunidade de alma que reúne mortos, vivos e os que ainda não nasceram. Os mortos são nossa sabedoria ancestral viva na memória e nos hábitos. Os vivos são o presente que sustentado, diante da insegurança estrutural de nossa RAZÃO, em nossos mortos, são responsáveis por legar aos ainda não nascidos o cuidado com a vida da humanidade, sob a ameaça ancestral de nossa ontologia do fracasso.

**Referências**

HANKINSON, R.J. *The Sceptics*. London: Routledge, London, 1995.

KIRK, R. *The Conservative Reader*. New York: The Viking Portable Library, 1982.

\_\_\_\_\_. *Edmund Burke, A Genius Reconsidered*. Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, Wilmington, 1997.

\_\_\_\_\_. *The Conservative Mind, from Burke to Eliot.*, Washington DC: Regnery Publishing, Inc., 2001.

MULLER, J. Z. *Conservatism, an anthology of social and political thought from David Hume to the present*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

*Recebido em abril de 2009.*

*Aprovado em maio de 2009.*